

1. Nos primeiros quadrinhos, dois ditados populares foram reformulados pela personagem Filti. Que ditados são esses e quais são seus significados?

[Blank area for answer 1]

2. Explique a alteração no sentido dos ditados populares.

[Blank area for answer 2]

3. O que provoca o humor no último quadrinho?

[Blank area for answer 3]

4. O nome do rato, personagem do artista Fernando Gonsales, é Níquel Náusea. Há, nesse nome, uma intencional aproximação sonora com o de um famoso personagem do mundo dos quadrinhos. Você saberia dizer de quem se trata?

[Blank area for answer 4]

5. (ENEM)

IOTTI



Na criação do texto, o chargista Iotti usa criativamente um intertexto: os traços reconstróem uma cena de *Guernica*, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio a uma pequena cidade da Espanha. Na charge, publicada no período de Carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por Iotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar

a) uma referência ao contexto, "trânsito no feriado", esclarecendo-se o referente tanto do texto de Iotti quanto da obra de Picasso.

b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal "é", evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.

c) um termo pejorativo, "trânsito", reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente tanto em *Guernica* quanto na charge.

d) uma referência temporal, "sempre", referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em *Guernica* quanto na charge.

e) uma expressão polissêmica, "quadro dramático", remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

6. (IMEPAC – MG) Sobre o processo intitulado "Intertextualidade", assinale a alternativa INCORRETA.

- a) O processo em que um texto se nutre de outro ou outros pode ser chamado de intertextualidade.
- b) A intertextualidade demonstra como a literatura se vale comumente da própria literatura para descobrir novos caminhos.
- c) A intertextualidade também pode estar presente e ser percebida nas artes plásticas, por exemplo.
- d) A intertextualidade ocorre quando os textos são confrontados, o que leva à diluição das noções de autor, obra e público. A intertextualidade não implica diluição das noções de autor, obra e público. Ao contrário, confirma uma outra voz estabelecida.

- Ohé Muno, mas muito maior? - respondeu a rãzinha.

A mãe da rã foi inchando o corpo cada vez mais. Ela ficou do tamanho de uma grande abóbora redonda.

- Era deste tamanho - começou ela -, mas nesse momento explodiu.

Moral: Há coisas que é preferível não saber.

FABULAS de Corpo (7ª edição) - 2.ª ed., Tradução de Adalberto Sobral e Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Leya, 2002, p. 108-109.

Fábula II

A rã e o boi

Quatro rãs muito bonzinhas, uma mãe rãzona e três filhas rãzinhas, viram um boi pela primeira vez na vida. O boi, socinho, passava arado conduzido por um lavrador. As três rãzinhas quase morreram de admiração. Que animalão! Que fortão! Que bichano! Que gatão!

A mãe rãzona, encimada, exclamou:

- Mas vocês acharam esse boi assim tão forte? Que é que há?, não exagerem. No máximo é uns dois centímetros mais alto do que eu. Basta eu querer...

- Querer como? - disseram as rãzinhas em coro.* - Você é uma rã, e aí, como escreve o Millôr aí em cima, uma rãzona. Mas jamais será sequer um bozinho.

- Ora - disse a rãzona -, é só uma questão de comer mais e respirar mais fundo.

E ali mesmo, na frente das filhas perplexas, a rãzona começou a comer mais e respirar tudo que podia em volta. E foi crescendo e perguntando:

- Já estou do tamanho dele?

E as filhas, sempre em coro:

- Não. Ainda falta muito.

Estimulada pelas negativas, a mãe foi comendo e respirando, respirando e comendo, até que as filhas tiveram de concordar:

- Espantoso, mãe, agora a senhora está um boi de verdade. Faz mu!

E quando ela fez mu, o lavrador, que tá passando de novo com o arado e o boi, também ficou entusiasmado.

- Ei, ó rãzona metida a boi, de hoje em diante você vai puxar o meu arado pra serviços especiais. Tem aí um terreno cheio de morrinhos e eu não consegui fazer o diabo desse boi frouxo aprender a saltar.

E a partir daí, a rãzona teve que trabalhar de sol a sol sem soltar um pio, isto é, um coixo.

Moral: A rã o que é da rã, e ao boi o que é do boi, ou A tecnologia agrícola exige especialização.

*Toda rã pertence a um grupo coral.

FERNANDES, Millôr. A rã e o boi. In: _____, *Fábulas fabulosas*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/millor/fabulas063.htm>>. Acesso em 3 nov. 2015. © Juan Roberto Fernandez.

7. Os dois textos são fábulas. Quais são as características desse gênero textual?

8. É facilmente reconhecível a fábula recontada por Millôr? Explique.

9. Em que momento da história fica mais evidente a paródia, ou seja, o caráter transgressor da fábula do Milhõr?

(UFJF – MG) Leia os textos abaixo para responder à questão 10.

Texto 1

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá,
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 43.

Texto 2

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 82.

Linda Hutcheon diz que "A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica" (HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 54).

10. Levando em consideração a citação de Linda Hutcheon acima, em que sentido pode-se afirmar que o texto de Oswald de Andrade (texto 2) constitui uma paródia do texto de Gonçalves Dias (texto 1)?